

O papel dos contextos na reinterpretação de *embora* como marcador de concessão

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v52i2.3606>

Sanderléia Roberta Longhin¹
João Pedro Cavalcante Frontera²

Resumo

Neste trabalho, investigamos aspectos do processo de constituição das construções concessivas com *embora* à luz do quadro teórico-metodológico da Gramaticalização (Narrog; Heine, 2021). A questão central está nos contextos que instigaram os processos inferenciais responsáveis pela interpretação concessiva. A pesquisa está pautada em dados de uma amostra diacrônica que reúne textos diversos do português médio, clássico e moderno. Partimos da fonte adverbial volitiva *em boa hora* e perseguimos dois objetivos: descrever os padrões de uso de *embora* na história do português e apreender os contextos que habilitaram a leitura concessiva. Os resultados apontam para a importância dos contextos de marcação de assentimento, em que o significado concessivo é pragmático, obtido a partir de um esquema argumentativo entre o que é aparentemente aceito e o que é definitivamente endossado.

Palavras-chave: diacronia; concessividade; gramaticalização.

1 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; sanderleia.longhin@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0002-8702-0033>

2 Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; jpc.frontera@unesp.br; <https://orcid.org/0000-0001-9525-5433>

The role of the contexts in the reinterpretation of *embora* as a concession marker

Abstract

In this paper, we investigate aspects of the formation of the concessive clauses with the Portuguese conjunction *embora* according to the Grammaticalization theory (Narrog; Heine, 2021). Our main interest lies in contexts that allowed inferential processes which account for the concessive reading. The paper departs from a diachronic sample that combines texts from Middle, Classic and Modern Portuguese. We analyze the volitive adverbial *em boa hora*, aiming to: describe the usage patterns of *embora* in the history of Portuguese and understand the contexts that enabled a concessive reading. The results of this work demonstrate the relevance of the contexts for assent markers, the concessive meaning being pragmatic, obtained from an argumentative scheme between what is seemingly accepted and what is actually endorsed.

Keywords: diachrony; concession; grammaticalization.

Introdução

Neste artigo, investigamos aspectos do processo histórico de mudança linguística que resultou na emergência das construções concessivas com *embora*, conforme (1), que estão entre as concessivas mais frequentes e versáteis do português (Neves, 2000, 2016; Castilho, 2014):

1. O povo, **embora** neles confie, não os segue como carneiros. (20-2/RFD)

A origem da conjunção *embora*, referenciada em Ali (1966), está na locução adverbial *em boa hora*, usada desde o período medieval para expressão de desejo de bom êxito. Segundo o autor, da expressão volitiva, a locução teria percorrido, ao longo do tempo, um caminho de mudanças semânticas, acompanhadas por mudança categorial e fonética, até se consolidar na conjunção concessiva. Os estágios da alteração semântica incluíram usos em que *embora* estava presente em orações optativas em que “se concede a possibilidade do fato, ou que o indivíduo que fala não se opõe ao seu cumprimento” (Ali, 1966, p. 217). Outra referência importante é Lima (1997). Com base em gramáticas históricas, dicionários e dados de *corpora* do português medieval e do português moderno³, o autor analisou os processos de gramaticalização e de subjetivização de

³ Lima utilizou o *Corpus Informatizado do Português Medieval* e o *Corpus de referência do Português Contemporâneo*, respectivamente, da Universidade Nova de Lisboa e do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

embora e propôs estágios de evolução, nos quais a princípio haveria uma passagem de expressão temporal à aprovação; e, posteriormente, da aprovação à concessão, a partir da implicação, em nível pragmático, entre essas duas noções, em que *eu aprovo* implica *eu não me oponho*.

Este trabalho pretende contribuir com a explicação das mudanças experimentadas por *em boa hora* ~ *embora*, a partir dos resultados de um estudo diacrônico, baseado em uma amostra de caráter fortemente interacional que reúne textos produzidos no português médio, clássico e moderno (séculos XVI a XX/XXI). Partimos da fonte lexical volitiva *em boa hora*, comumente documentada em textos do português antigo e médio, para expressão de votos de bom êxito ou de uma avaliação positiva, e perseguimos os seguintes objetivos: a) mapear os diferentes padrões de uso envolvendo *embora*, na cronologia do português; e b) investigar os contextos que habilitaram a interpretação concessiva.

Filiamo-nos à teoria da *Gramaticalização* (sobretudo em Bybee, 2010, 2015; Narrog; Heine, 2021), em que a pragmática contextual tem papel fundamental na análise de instâncias de mudança. Em particular, lançamos mão da *reinterpretação induzida pelo contexto* enquanto recurso teórico-metodológico para a compreensão das mudanças relacionadas à emergência de *embora*, em perspectiva longitudinal.

O artigo está organizado como segue: na segunda seção, apresentamos os fundamentos teóricos em duas subseções, a primeira traz uma exposição sobre gramaticalização, em que nos circunscrevemos às noções teóricas relevantes para a análise, e a segunda, sobre a concepção de concessividade e suas tendências evolutivas. Na terceira seção, explicitamos os critérios para constituição da amostra diacrônica e as decisões metodológicas. Na quarta seção, respondendo ao primeiro objetivo, expomos o resultado do mapeamento longitudinal dos padrões funcionais de *embora* e, na quinta seção, respondendo ao segundo objetivo, apresentamos a análise dos contextos. Fechamos o texto com as considerações finais e as referências bibliográficas.

Fundamentação teórica

Gramaticalização

Como mencionado, este trabalho se insere no quadro teórico-metodológico da *Gramaticalização* (Heine; Kuteva, 2007; Bybee, 2010, 2015; Narrog; Heine, 2021), que fornece ferramentas metodológicas para descrição de instâncias de mudança linguística em que, ao longo do tempo e em contextos específicos, construções se tornam mais gramaticais, mais abstratas e mais subjetivizadas, como é justamente o caso das construções concessivas com *embora* do português.

A teoria da Gramaticalização visa à apreensão de regularidades translinguísticas nos processos de mudança gramatical e, para tanto, focaliza as motivações cognitivas e comunicativas e as características das trajetórias evolutivas. Nesse quadro, a mudança é concebida como necessariamente dependente de contextos; conseqüentemente, o aparato metodológico parte do ambiente contextual. A *situação discursiva* (organização textual, fonte de informação, interação locutor-interlocutor, cenário discursivo e conhecimento de mundo) e especialmente sua manipulação pela reinterpretação induzida pelo contexto são tidas como chave para a mudança.

Dos modelos propostos para operar metodologicamente com a reinterpretação induzida pelo contexto, partimos daquele de Heine (2002), retomado em Heine e Kuteva (2007) e, mais recentemente, em Narrog e Heine (2021). O modelo associa contextos a estágios evolutivos de mudança, em perspectiva diacrônica, norteando a descrição de características salientes da extensão contextual. O esquema a seguir é uma adaptação desse modelo:

Quadro 1. Modelo de reinterpretação induzida pelo contexto

Estágio	Contexto	Significado resultante
I <i>inicial</i>	não restrito	significado fonte*
II <i>bridging</i>	um contexto específico dá lugar a uma inferência em favor de um novo significado	significado alvo** em primeiro plano
III <i>switch</i>	um novo contexto que é incompatível com o significado fonte	significado fonte em segundo plano
IV <i>convencionalização</i>	o significado alvo não necessita ser sustentado pelo contexto, ele pode ser usado em novos contextos.	somente significado alvo

Fonte: adaptado de Heine (2002)

* significado fonte: não gramaticalizado, temporalmente anterior;

** significado alvo: significado gramatical novo derivado de um significado fonte

Entre os estágios inicial e final, fonte e alvo da mudança, respectivamente onde se situam as formas menos e mais gramaticais, estão dois estágios intermediários que têm particular relevância para este trabalho: *bridging* se refere ao estágio em que surgem novos significados inferenciais, dependentes do contexto, que passam a coexistir com o significado fonte. Dado o estatuto inferencial, os significados são canceláveis e a leitura em termos da fonte é sempre possível; já o *switch* se refere a um estágio posterior em que o significado fonte é bloqueado em favor do significado alvo, que ainda requer alguma sustentação contextual. Considerando a gradualidade da mudança, a expectativa é a de que, ainda que uma mesma forma linguística possa se associar a diferentes contextos *bridging*, nem todos os significados inferenciais devem evoluir a novos significados convencionalizados.

A concessividade e sua natureza derivada

As relações concessivas podem ser definidas, de maneira genérica, como uma *quebra de expectativas* que decorre da asserção de dois eventos p e q em um contexto em que há alguma incompatibilidade. Embora as concessivas mostrem uma tipologia extensa (ver Spevak, 2005, para uma tipologia completa), três tipos principais são amplamente reconhecidos (Rudolph, 1996; Pander Maat, 1999; Latos, 2009, entre outros): as concessivas de *causalidade negada*, as concessivas *restritivas* e as concessivas *argumentativas*. A concessão por causalidade negada se fundamenta na negação de uma implicação causal (*normalmente se p , não q*) e a concessão restritiva, em uma retificação ou atenuação da validade do conteúdo precedente ou de parte dele (*q , ainda que p*), o que implica necessariamente a posposição da concessiva, diferentemente dos demais tipos. Já a concessão argumentativa supõe uma situação de diálogo e um duplo movimento argumentativo em que se concede um fato, para em seguida apresentá-lo como irrelevante (*é verdade que p , mas q*). O conector *embora* participa de construções que podem expressar os três tipos, conforme, respectivamente, (2) a (4):

2. **Embora** excepcionalmente os latifundiários já tivessem seus domínios devassados, muito de seu antigo poderio era mantido. (XX/2-CF)
3. Até hoje, acha-se a Guerra dos Emboabas mal esclarecida, **embora** sobre ela já existam alguns estudos, mais e menos valiosos. (XX/2-HBP)
4. Descreve Vasconcelos as operações de guerra, marchando Viana ao encontro dos paulistas que, **embora** fossem alguns milhares, valorosos e intrépidos, nada entendiam da arte da estratégia e da tática. (XX/2-HBP)

Em (2), a relação concessiva se estabelece entre fatos do mundo: o fato de os latifundiários terem seus domínios devassados, afirmado na oração concessiva, permite pressupor pragmaticamente, com base no conhecimento de mundo, o declínio de seu poderio. No entanto, essa suposição é frustrada pelo conteúdo da oração nuclear, em que se afirma a manutenção do poderio. Em (3), a relação concessiva se estabelece a partir de uma ressalva, uma espécie de correção, do conteúdo previamente afirmado na oração nuclear. Em (4), a relação concessiva resulta de um conflito entre forças argumentativas. O conteúdo da oração concessiva traz o reconhecimento e a valoração de um argumento que é enfraquecido pelo conteúdo da oração nuclear, que o aponta como ineficiente.

A tipologia das concessivas mostra afinidades existentes entre concessividade e outros domínios semânticos. Essas afinidades são reforçadas pela natureza historicamente derivada da concessividade, já evidenciada em pesquisas translinguísticas (König, 1985a, 1985b, 1988; Haspelmath; König, 1998). As fontes semânticas mais comuns para a constituição do significado concessivo envolvem quantificação universal e de livre

escolha, asserção enfática, coexistência temporal, volição, relações causais e condicionais associadas a partículas focais e sentimentos humanos negativos. Neste trabalho, em que investigamos a constituição do significado concessivo que se convencionalizou em *embora*, tomando ponto de partida a expressão de desejo de bom êxito *em boa hora*, a fonte volitiva é que estará em foco. Na literatura, são várias as referências acerca do canal *volição > concessão*: Haiman (1974), Harris (1988), König (1985a, b, 1988), Rudolph (1996), Herrero-Ruiz (2005), Pérez Saldanya e Salvador (2014).

Material e metodologia

Para a composição da amostra diacrônica, utilizamos as seguintes diretrizes: além do recorte temporal já mencionado, procedemos a um recorte espacial, em que reunimos textos do português europeu e do brasileiro, balanceamos a quantidade de material para cada estado de língua⁴ e, do ponto de vista da tipologia dos textos, priorizamos, o quanto possível, a seleção de obras que mostrassem *sequências dialógicas*, entendendo *dialógico* não só no sentido do número de enunciadores, mas também no sentido da pluralidade de orientações argumentativas, que caracterizam textos que trazem perspectivas conflitantes, contestações e polêmicas de todo tipo (Traugott, 2010). É o caso, por exemplo, de peças teatrais, romances, cartas pessoais e cartas de leitores de jornais, novelas, roteiros de filmes etc. A expectativa é a de que textos tradicionalmente dialógicos sejam lugares propícios à expressão de relações concessivas. No Quadro 2, a seguir, apresentamos a relação dos textos que compõem a amostra⁵, indicando a datação e a sigla que utilizaremos a fim de referência:

Quadro 2. Relação dos textos que compõem a amostra diacrônica

Séc. XVI	Teatro de Gil Vicente (1512, 16TGV); Cartas D. João III (1524-33, 16CDJ); Teatro Antonio Ferreira (1528, 16TAF); Teatro Antonio Chiado (1536, 16TC); Auto das Regateyras (1536, 16AR); Gramática de João de Barros (1540, 16GJB); Da Pintura antiga (1548, 16DPA); Teatro Sá de Miranda (1561, 16TSM); Peregrinação (156~, 16P); Comédia Ulyssippo (1561, 16CO); Romagem (1562, 16R); Regras gerais das festas (1570, 16RGF); História da Província de Santa Cruz (1576, 16HSC); Regras da Cia de Jesus (1582, 16RCJ); Arte de Grammatica da lingoa (1595, 16AGL).
----------	--

4 Para cada século, foram contabilizadas cerca de 850.000 palavras, o que aferimos por meio de ferramenta computacional *Sketch Engine*.

5 Os textos foram extraídos das plataformas digitais: Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese, Base de Dados do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Projeto História do Português Brasileiro e Projeto História do Português Paulista, Acervo digital da Biblioteca Brasileira, Acervo digital da Biblioteca Nacional de Portugal e Teatro de Autores Portugueses do Século XVI.

Séc. XVII	Trattado das festas e vida dos santos (1615, 17TFV); A vida de Frei Bartolameu (1619, 17VFB); Arte da língua Brasília (1621, 17ALB); Advertências espirituais (1625, 17AE); Coleção dos principais sermões de Vieira (16~, 17CPS); Auto das padeyras (1636, 17AP); Chronica delrey Dom Joam (1644; 17CRJ); Chronica da Companhia de Jesus (1645, 17CCJ); Cartas de Padre Vieira (1652-1696, 17CPV); Arte de furtar (1652, 17AF); O Fidalgo aprendiz (1665, 17OFA); Vida do venerável padre Anchieta (1672, 17VVP); Diálogos de varia história (1674, 17DVH); Maria Rosa Mística (1688, 17MRM); Xavier dormindo Xavier acordado (169~, 17XDA).
Séc. XVIII	Katecismo indico (1709, 18KI); Cultura e Opulência do Brazil (1711, 18COB); Suplemento ao vocabulário português (1727, 18SVP); Folhetos de ambas Lisboas (1730, 18FAL); Obras de Alexandre Gusmão (1737-51, 18OAG); Sucesso da destruição do Porto (1740, 18SDP); Theatro cômico portuguez (1744, 18TCP); Voz sagrada (1748, 18VS); Reflexões sobre a vaidade (1752, 18RSV); Obras de Claudio Manoel da Costa (1768, 18CMC); Dizertação a respeito da Capitania de São Paulo (1781, 18DCS); Nova Palestra (1789, 18NP); Systema e colleção dos regimentos (1791, 18SCR); Cuidados para o aceio da boca (1798, 18CAB); Descrição da grandiosa quinta dos senhores de Bella (1799, 18DGQ).
Séc. XIX	Cartas brasileiras (1810-1900, 19CB); Os jardins (1812, 100J); Cartas de leitores e redatores de jornais (182--1900, 19CLR); O cavalleiro teutônico (1840, 19CT); Lições de boa moral (1847, 19LBM); História e descrição da febre amarela (1851, 19DFA); Zaira Americana (1852, 19ZA); Romances e novelas (1852; 19RN); Physiologia das paixões e afecções (1854, 19FPA); Luxo e vaidade (1860, 19LV); O cozinheiro nacional (1860, 19OCN); Feira dos anexins (1875, 19FAX); Voluntário da Pátria (1877, 19VP); Do princípio e origem dos índios (1881, 19POI); Cartas para Cícero Dantas Martins (189~1900, 19CCM).
Séc. XX/XXI	Cartas sem moral nenhuma (1903, 20CSM); D. João VI no Brazil (1908, 20DJ); A revelação dos perfumes (1916, 20ARP); Cartas Particulares (1916-1950, 20CP); Revista Arlequin (1927, 20RA); Memória Sargento de Milícias (1927, 20MSM); O café na história e no folclore (1939; 200CH); Portugal o mediterrâneo e o Atlântico (1945, 20PMA); História das bandeiras paulistas (1951, 20HBP); Cangaceiros e fanáticos (1963, 20CF); Abre a janela e deixa entrar o ar (1969, 20AJ); Revista da Faculdade de Direito (1984, 20RFD); A vida como ela é (1992, 20AVE); História geral da civilização brasileira (2005, 21HGB); Língua portuguesa falada na cidade de São Paulo (2012, 21LPF)

Fonte: Elaboração própria

Quanto à metodologia, elegemos os *contextos* como eixo norteador. Assumimos que os contextos que permitem dupla interpretação, os que referimos anteriormente como *bridging* (Heine, 2002), são centrais para a compreensão da mudança. Para identificá-los e monitorá-los longitudinalmente, à maneira de Mauri e Ramat (2012), partimos da aplicação de um critério semântico que prevê três valores: construções compatíveis somente com o significado fonte (contexto *inicial*, no modelo de Heine), construções compatíveis com ambos significados fonte e alvo (contextos *bridging*) e construções

compatíveis somente com o significado alvo (contextos *switch* e *convencionalização*). Cada um dos três valores semânticos será caracterizado em termos das propriedades distribucionais das construções que abriga e será monitorado longitudinalmente. Tomaremos a frequência relativa como um índice de possíveis estágios de mudança, já que o aumento da frequência pode sinalizar construções mais produtivas, mais acessíveis, mais generalizadas em significado (Bybee, 2010).

Desse modo, focalizaremos a *mudança semântica*, em que o valor de volição, combinado com traços contextuais, evolui à expressão de concessão, um significado mais abstrato e mais subjetivo, e a *mudança categorial*, em que uma expressão menos gramatical se torna mais gramatical, um conector concessivo. Tendo em vista que as mudanças sempre se processam em *contextos*, nossa unidade de análise será sempre a construção de que a palavra faz parte.

O mapeamento das ocorrências na amostra resultou em um total de 741 dados de *em boa hora* ~ *embora* relativos a diferentes usos. A Tabela 1, a seguir, ilustra em números absolutos a frequência *token* por estado de língua, considerando intervalos de cinquenta anos. Nas próximas seções, tratamos da análise dos dados tendo em vista os objetivos estabelecidos.

Tabela 1. Frequência *token* de ocorrências de *embora* ~ *em boa hora* por estados de língua

XVI		XVII		XVIII		XIX		XX/XXI ⁶	
1a	2a	1a	2a	1a	2a	1a	2a	1a	2a
66	57	36	48	41	28	31	84	77	273

Fonte: Elaboração própria

Os padrões funcionais de *embora* na história do português

Identificamos nos dados sete padrões funcionais de *embora*, em que o item atua ora como categoria mais lexical, ora mais gramatical. São eles: advérbio de bom augúrio, advérbio de afastamento, advérbio de expulsão, nome masculino plural para felicitação, advérbio de assentimento, advérbio concessivo e conjunção concessiva. A Tabela 2 traz as frequências absoluta e percentual de cada padrão, em perspectiva longitudinal:

⁶ Como são duas décadas do século XXI, optamos por incluir os dados àqueles do século XX.

Tabela 2. Frequências dos padrões funcionais de *em boa hora ~ embora* em perspectiva longitudinal

	XVI		XVII		XVIII		XIX		XX/XXI	
	1a	2a ⁷	1a	2a	1 ^a	2a	1a	2a	1a	2a
adv. bom augúrio	19 28%	10 17%	3 8%	1 2%	2 5%	4 14%	0	1 1%	0	0
adv. afastamento	11 17%	9 16%	5 14%	8 17%	9 22%	4 14%	0	12 14%	9 12%	30 11%
adv. expulsão	8 12%	2 4%	1 3%	9 19%	3 7%	0	0	7 8%	3 4%	1 <1%
adv. assentimento	28 43%	36 63%	27 75%	30 62%	27 66%	12 43%	4 13%	9 11%	0	0
nome felicitação	0	0	0	0	0	0	0	3 4%	0	0
adv. concessivo	0	0	0	0	0	6 22%	6 19%	13 16%	10 13%	40 14%
conj. concessiva	0	0	0	0	0	2 7%	21 68%	39 46%	55 71%	202 74%
Total (%)	66 100	57 100	36 100	48 100	41 100	28 100	31 100	84 100	77 100	273 100

Fonte: Elaboração própria

Os números da Tabela 2 sinalizam fatos importantes da cronologia do português que podem ajudar na compreensão das mudanças: o uso adverbial associado à volição, como em (5), está restrito a sincronias mais pretéritas; os usos adverbiais associados a movimento, como afastamento e expulsão (movimento voluntário ou não voluntário), em (6) e (7) respectivamente, já eram comuns no século XVI, permanecem produtivos hoje e estão experimentando novas mudanças⁸; o advérbio de assentimento, em (8), que foi o padrão mais recorrente no português médio e clássico, está em desuso hoje. O padrão nominal, em (9), em que *embora* é sinônimo de *parabéns* é muito pouco usual. Por outro lado, os padrões adverbial e conjuncional associados à expressão de concessividade, em (10) e (11) respectivamente, são mais tardios, as primeiras ocorrências foram

7 No caso de alguns poucos textos em que não conseguimos recuperar a data de produção, as ocorrências foram inclusas na segunda metade do século XVI.

8 As expressões *simbora*, *vambora*, *bora*, *bora lá*, *boh*, redução de *vamos embora*, são usadas hoje no português brasileiro em contextos informais, funcionando como marcadores que incitam uma ação: a ida a algum lugar (*bora pra praia*, *bora pro restaurante*) ou a prática de uma atividade (*bora nadar*, *bora estudar*, *bora ajudar o Banco de Cadeira de Rodas pessoal! Bora tomar um quentão delicioso e quentinho galera?*).

documentadas na segunda metade do século XVIII e suas frequências são crescentes no português moderno.

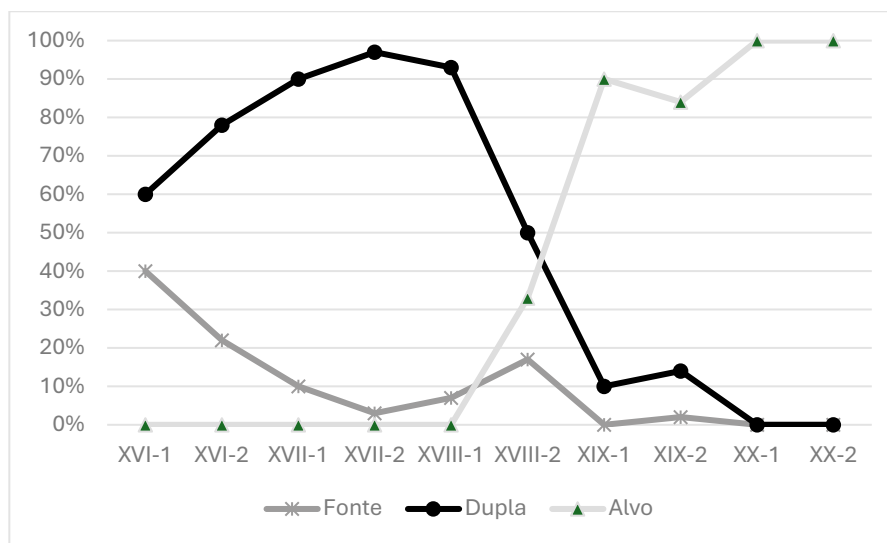
5. E porque neste negócio não há mais que fazer que fazer-se a escritura do concerto no modo atrás dito, eu hei por bem que vós vos venhais a mim **em boa hora**: e assim vos encomendo e mando que o façais. (XVI/1-CDJ)
6. *Luc.* Para lhe fallar a verdade, tambem eu não reparei niffo, he coiza insignificante; ora levante-fe, e vamos para baixo; oh Brites, ergue-te, vamo-nos **embora**. (XVIII/2-NP)
7. *Catimbao*: Homem ridículo. Diz o anexim Portuguez: Dizey ao meftrre Catimbao, que fe vá **embora**, e dailhe com o pao. (XVIII/1-SVP)
8. *Gra*: E furtarãome hūas colheres de prata de minha fenhora a velha, & eu querialhas comprar antes que mo ella foubeffe, por efcular defgoftos. E a fenhora Melicia me diffe quc pegaffe conuofo.
Alc: Sereis feruida mas eu não os trago comigo, he me neceffario ir à poufada.
Gra: Eu irei là pela menham cedo.
Alc: **Embora**.
Gra: E no mais que por oito dias, tè que me paguem.
Alc: Eu não emprefto: não me injurieis. (XVI/2-CO)
9. Aceite o Snr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, os **emboras** sinceros do seu mais insignificante admirador. (XIX/2-LV)
10. E desejava não ter de todo faltado ao propósito de escrever umas páginas que, guardando **embora** o devido rigor científico, pudessem ser lidas por qualquer pessoa simplesmente curiosa destes assuntos. (XX/1-PMA)
11. Corre como certo que os grãos secos da planta do oriente foram introduzidos na França, em 1644, por P. de la Roque, **embora** se diga que os parisienses só vieram a conhecer a deliciosa bebida em 1657, pela primeira vez, graças a Jean de Thévenot. (XX/1-OCH)

Os contextos de mudança

Selecionamos para análise os padrões de *embora* que, conforme avaliamos, estão de algum modo relacionados à mudança rumo à concessividade. Assim, separamos os dados referentes ao advérbio de bom augúrio, advérbio de assentimento, advérbio concessivo e conjunção concessiva, totalizando 608 ocorrências, e os classificamos conforme critério semântico em *fonte*, *dupla interpretação* ou *alvo*. O Gráfico 1 traz a

frequência percentual de cada padrão semântico e sugere, em perspectiva longitudinal, que os dados de dupla interpretação, que têm frequência relativa elevada em todos os primeiros estados de língua, começam a declinar na medida em que emergem os usos concessivos propriamente ditos, a partir da segunda metade do século XVIII. No que segue, descrevemos as construções que se enquadram em cada um dos três tipos semânticos.

Gráfico 1. Padrões semânticos do uso de *embora* em perspectiva longitudinal



Fonte: Elaboração própria

i) *Contextos Fonte*: reunimos dados em que *em boa hora* ~ *embora*, ainda composicional, ora expressa desejo de sucesso (bom augúrio), por sinceridade ou por convenção social, como em (12) e (13); ora expressa uma avaliação positiva acerca da concretização de um evento apresentado na oração nuclear, como em (14) e (15), que trazem a perspectiva do próprio locutor, em detrimento à perspectiva de senso comum, e que representam, portanto, um estágio de subjetivização do significado.

12. (...) e para que ao presente as não haver, e serem todas nessa cidade, e ser o tempo tão curto para a partida das naus da Índia que **embora** hão de ir (XVI/1-CDJ)
13. Ide-vos muito **embora**, e seja **em tão boa hora** a vossa tornada à Índia, que quando lá chegardes vos recebam os vossos como o antigo Salomão recebeu a nossa rainha Sabaa na casa admirável de sua grandeza (XVI/2-P)
14. *Cate*: Quê ma vira.

Ines: quẽ la fora.

Mada: Tu prima nacefte **embora**. (16/1-TGV)

15. Sendo Raynha tamanha
veo ca aa ferra **embora**
parir na noffa montanha
outra princefa Despanha
como lhe demos agora (XVI/1-TGV)

Em ambos os casos, o advérbio *embora* tem ordenação variável e frequentemente pode ser intensificado por *muito*. Uma diferença saliente entre os dois usos está na informação modo/temporal. A expressão de desejo está associada a futuro, que se realiza com futuro do indicativo ou com os modos subjuntivo e imperativo. Em (12) e (13), o locutor expressa desejo de êxito (que pode ser cortesia) a eventos que ainda deverão ocorrer, a saber, a partida das embarcações e o retorno à Índia, respectivamente. Por outro lado, a avaliação positiva está associada a eventos pretéritos. Por exemplo, em (14), avalia-se positivamente o nascimento da prima e, em (15), a vinda da rainha à serra para parir.

ii) *Contextos de dupla interpretação*: os dados que admitem dupla interpretação se distribuem por dois tipos de contexto (*bridging*), que variam quanto à saliência da leitura concessiva. No primeiro tipo, estão casos em que *embora*, ainda com função adverbial, atua como um marcador de assentimento pelo qual o locutor *aceita* ou *concede* algo em um cenário de desacordo anterior, conforme (16) a (18). Entendemos *assentir*, à maneira de Marque-Pucheu (2019), como *consentir*, *aprovar*, *conceder*, o que é diferente de estar de acordo, porque conceder implica consentir – ao menos parcialmente – com uma afirmação que é objeto de disputa ou polêmica inicial.

16. *Inês*: Houvestes por vaidade
casar à vossa vontade
eu quero casar à minha
Mãe: Casa filha muito **embora**. (XVI/1-FIP)

17. *Dom Fernando*: e como irmão me atrevo
em público vos repreender
por que quem vos conhecer
não vos tache de mancebo
Dom Simão: Tache quem quiser **embora**

qu'eu sou casado com ela
posto que seja pastora. (XVI/1-AF)

18. Seja **embora** perseguido, padeça quantos males o mundo ordenar, que nada disso me pertence, já fou outro, Eu, diferente do que dantes era, fou hum Chrifto no amor, hum Deos por participação, nelle viuo, nelle me acho, & fora dele não, porque me perdi. (XVII/1-TFV)

Em (16) e (17), a polêmica se relaciona aos casamentos pautados por interesses ou aqueles envolvendo pessoas de classes sociais diferentes; em (18), se relaciona à argumentação do sujeito em favor de sua transformação e mudança de vida. No conjunto dos dados, são comuns situações em que o locutor consente, mas é um consentimento *dissimulado*, como (16), enunciado em um longo diálogo conflituoso entre mãe e filha, sobre a escolha do marido para a jovem. Também são comuns situações em que o locutor consente algo que a princípio parece paradoxal, mas o faz para conferir pouca importância, ou mesmo irrelevância, justificando-se na sequência, como acontece em (17): *tache quem quiser – eu consinto –, porque sou casado com ela, ainda que seja pastora*; e em (18): *que eu seja perseguido, que eu sofra os males do mundo – eu consinto –, porque nada disso me pertence, hoje sou outro*. Interpretamos que o assentimento expresso por *embora* nos contextos de polêmica habilita uma leitura de contrariedade que é similar à contrariedade que fundamenta as relações concessivas.

No segundo tipo, *embora* é parte de uma estrutura correlativa do tipo *embora p, mas q*, em que no primeiro membro, *p*, do qual *embora* é parte, o locutor concede um conteúdo mencionado anteriormente ou disponível contextualmente e, no segundo membro, *q*, encabeçado por um conector contrastivo (em geral, *mas*), traz a informação focal, com a qual se compromete. Os dados em (19) a (22) são representativos dessa estrutura:

19. *Tomé*: Olha, já que isso assim vai
hei de pedir-te a teu pai.
Madanela: Rio-me disso, abofé.
Tomé: Ri tu **embora, mas** par esta
que hás de ser inha mulher
mal que te pês. (XVI/2-CPA)

20. Digo eu: se és casado sê-o **embora mas** saibamos com quem o és. (XVI/2-AC)

21. Já que não quereis, Senhor, deflitar, ou moderar o tormento, já que não quereis fe não continuar o rigor, e chegar com elle ao cabo; feja muito **embora**; matayme, confumime, enterrayme. **Mas** fô vos digo, e os lembro huma coufa, que, fe me bulcares amanhã, que me não haveis de achar. (XVII/1-CPS)
22. Effa Clavis, que fabemos, que eftá forjada, quem lhe ha de por a ultima lima? Defpreze Voffa Paternidade os juízos dos homens muito **embora, mas** não defpreze os feus affectos. (XVII/2-CPV)

Nesses dados, *embora* mantém o comportamento adverbial, mostra mobilidade posicional e aceita intensificador. Também prevalecem os cenários de conflito, em que o assentimento é dissimulado e/ou está a serviço da sinalização de irrelevância. Em (19), *embora* marca o desprezo de Tomé pelo riso debochado de Madanela (*pode rir, mas há de ser minha mulher*); em (20), o locutor marca a irrelevância de ser ou não casado (*o principal é saber com quem é casado*); em (21), dissimula uma entrega (*me mate, me consuma, me enterre*) e, em (22), em uma espécie de compensação, autoriza o desprezo ao juízo dos homens, mas não o desprezo aos afetos.

Para esses casos, admitimos que a leitura concessiva – em particular, *concessão argumentativa* – emerge pragmaticamente de uma combinação particular entre *p* e *q*. O esquema argumentativo é sempre o mesmo, entre o que é aparentemente *consentido* (por ironia, atenuação ou gentileza) e o que é efetivamente *endossado*. Nessa estrutura, o *marcador de assentimento* – aqui, *embora* – é um elemento decisivo na construção da relação concessiva: é por ele que o locutor adere e reforça um argumento disponível no cotexto ou no universo de conhecimentos humanos partilhados, para então enfraquecê-lo em favor de outro; é por ele que a factualidade requerida na concessão é garantida; e é com ele que a incompatibilidade é em parte criada. Mas a relação só se efetiva com a presença do conector contrastivo no segundo membro, o que indicia a forte dependência contextual do significado concessivo.

Essa estrutura correlativa para fins de expressão da concessividade não é uma particularidade do português. Estruturas similares do francês, *certes (en effet, d'accord, soit) p, mais q*, foram exploradas em Rossari (2014, 2015), com o propósito de refinar a noção de *incompatibilidade* inerente às concessivas. Segundo a autora, trata-se de uma incompatibilidade de caráter informativo, uma discrepância informativa entre *p* e *q*, que pode ser sintetizada em: a) o marcador de assentimento apresenta o conteúdo de *p* como *acordado* ou *concedido* pelo Locutor 1 (L1), mas esse conteúdo foi *concebido* previamente por um Locutor 2 (L2), sendo, portanto, informação conhecida, de modo que a *polifonia* é instaurada: há o encontro entre duas posições discursivas e prevalece o assentimento de L1 com respeito ao enunciado de L2; b) o conteúdo de *q* é endossado por L1, é o conteúdo central. Em outras palavras, na proposta de Rossari (2014, 2015), que bem se aplica aos dados de *embora* no padrão de (19) a (22), a obtenção de uma interpretação concessiva

entre *p* e *q* exige a presença simultânea de dois traços: o contraste entre os estatutos discursivos de *p* e *q* e a possibilidade de interpretar *p* como concebido anteriormente por outro enunciador ou como já presente no *background* discursivo.

iii) *Alvo*: reunimos neste padrão os dados em que a leitura concessiva parece estar semantizada em *embora*, já não necessitando dos aportes contextuais. Como mostrado na Tabela 2, a aceção concessiva é mais tardia, nós documentamos as primeiras ocorrências na transição entre português clássico e moderno (fins do século XVIII e início do XIX). Contudo, o estatuto categorial de *embora* concessivo ainda se distribui entre advérbio e conjunção. Os dados de (23) e (24) são representativos do advérbio, e os de (25) a (27), da conjunção.

23. Sentimos profundamente sua retirada da politica por não encontrarmos outro amigo leal e dedicado que o iguale, e nem pretendemos explorar novas relações na politica, e nem trabalharmos por vintureiros, que uma vez servido e galgado na pozição, de nos se esquecerá, e do alto nos olhará de lado classificando-nos de vis tabarcos somentes proprios para subservencia [...] conhecendo-nos somente na occazião do voto, o que muito **embora** com nossa baixa posiçã, não <é > compativel com o nosso character. (XIX/2-CCM)
24. O que vale um homem sem virtudes, sem um coração bem formado, sem fina educação, sem raros talentos, sem nobres e brilhantes qualidades moraes? Nada! Seja elle muito **embora** mais bello que o Apollo de Belvedere, ou o lindo Antinus. (XIX/2-ZA)
25. **Embora** escassos, os capitais penetravam na economia agrícola, alterando-lhe a fisionomia, acentuando-lhe o caráter mercantil. Era de significação secundária o fato de ficarem presos aos cofres dos capitalistas locais (XX/2-CF)
26. Corrigir é o mesmo que amar! **embora** a linguagem do escriptor publico não seja adocicada, nem cheia de phrazes melodiosas; basta que a doutrina seja boa, e pura era sua origem, e que o sentido seja de corrigir para melhorar os costumes de uma Nação. (XIX/2-ZA)
27. Em seu Ministério não se achará nenhum elemento que represente os ex-conservadores. **Embora** possa considerar-se, como liberal, dos mais moderados, como homem de facção revela-se, agora, de notável intransigência. (XXI/1-HGB)

Atribuimos estatuto adverbial sobretudo com base no critério mobilidade posicional. Nesse caso, *embora* sinaliza concessão, mas tem ordenação variável e ainda pode ser intensificado por *muito*. Como conjunção, *embora* seleciona segmentos oracionais e não oracionais, articulando-os à oração nuclear e estabelecendo nuanças diversas de concessividade, como discutido anteriormente, a partir dos dados de (2) a (4). Nas construções conjuncionais, a ordenação do segmento concessivo frente ao nuclear em

termos de anteposição, intercalação e posposição está relacionada a diferentes tipos de concessivas: a aceção de causalidade negada está fortemente relacionada à anteposição da concessiva, ao passo que as manobras concessivas restritiva e argumentativa se efetivam com a posposição e mais raramente com a intercalação.

Considerações finais

A análise dos padrões de *embora*, em perspectiva longitudinal, forneceu evidências de que o item se envolveu em diferentes trajetórias de mudança e que a gramaticalização como conector concessivo é relativamente mais tardia. As primeiras construções propriamente concessivas, sem dependência de traços contextuais, foram documentadas no final do período clássico (século XVIII). Elas são fruto de um longo período de evolução em que determinadas construções com *embora* já habilitavam uma interpretação concessiva, sustentada contextualmente. Essa leitura concessiva era do tipo *concessão argumentativa*, justamente o tipo que torna explícita a afinidade entre *assentimento* e *concessão*.

Assim, reunimos indícios que associam a gênese da mudança a manobras argumentativas que contêm assentimento, especialmente em estruturas correlativas cujo segundo membro é encabeçado por um conector contrastivo. Nelas, concede-se um fato (por diferentes razões) ao qual posteriormente é conferida irrelevância. O trânsito entre assentimento e concessão parece evidente, visto que *assentir*, como expusemos anteriormente, não implica necessariamente a aceitação plena de uma proposição, mas sim uma *concessão parcial*, em um contexto de polêmica e/ou disputa. Mais especificamente, a referida estrutura correlativa é responsável, de um lado, pela concessão parcial e pelo reforço a um argumento disponível aos interlocutores, o que se efetiva por meio do marcador de assentimento *embora*, e, de outro lado, pelo enfraquecimento do argumento e sinalização de incompatibilidade, o que se efetiva por meio do conector contrastivo *mas*. Nesses termos, pragmaticamente, a leitura *concessiva argumentativa* que engendra a gênese de *embora* enquanto juntor concessivo emerge da combinação entre *p* e *q*.

Mas a marcação de assentimento é, por sua vez, uma relação historicamente derivada. Com base nos dados apresentados, para nós, parece plausível que o significado fonte primário – o desejo de êxito – se generalizou à expressão de uma atitude positiva, valorativa, concernente tanto a fatos do presente como do passado, e essa avaliação positiva, por um processo de enriquecimento, foi reinterpretada como adesão ao fato, resultando na marcação de assentimento.

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq pelo apoio financeiro, no âmbito dos processos 308466/2020-9 e 306503/2023-9, e à FAPESP pela bolsa de mestrado concedida, processo 2023/00612-

8. Agradecemos aos revisores anônimos pela análise crítica e pelas sugestões que contribuíram para o refinamento deste trabalho. Possíveis equívocos e/ou inconsistências que persistirem são de nossa total responsabilidade.

Referências

ALI, M. S. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1966.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Linguistic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

HASPELMATH, M.; KÖNIG, E. Concessive conditionals in the languages of Europe. *In*: AUWERA, J. (ed.). *Adverbial constructions in the languages of Europe*. Berlin: de Gruyter, 1998. p. 563-640.

HAIMAN, J. Concessives, conditionals, and verbs of volition. *Foundations of Language*, v. 11, p. 341-359, 1974.

HARRIS, M. Concessive clauses in English and Romance. *In*: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (ed.). *Clause combining in grammar and discourse*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1988. p. 71-99.

HEINE, B. On the role of context in grammaticalization. *In*: WISCHER, I. (ed.). *New reflections on grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 83-102.

HEINE, B.; KUTEVA, T. *The genesis of grammar: a reconstruction*. New York: Oxford University Press, 2007.

HERRERO-RUIZ, J. *Sintaxis histórica de la oración compuesta en español*. Madrid: Editorial Gredos, 2005.

KÖNIG, E. On the history of concessive connectives in English: diachronic and synchronic evidence. *Lingua*, v. 66, p. 1-19, 1985a.

KÖNIG, E. Where do concessives comes from? On the development of concessive connectives. In: FISIÁK, J. (ed.). *Historical semantics – Historical word-formation*. Berlin: De Gruyter, 1985b. p. 263-282.

KÖNIG, E. Concessive connectives and concessive sentences: cross-linguistic regularities and pragmatic principles. In: HAWKINS, J. (ed.). *Explaining language universals*. New York: Basil Blackwell, 1988. p. 145-166.

LATOS, A. Concession on different levels of linguistic connection: typology of negated causal links. *Newcastle Working Papers in Linguistics*, v. 15, p. 82-103, 2009.

LIMA, J. P. Caminhos semântico-pragmáticos da gramaticalização: o caso de *embora*. In: BRITO, A. M. et al. (org.). *O sentido que a vida faz*. Estudos para Óscar Lopes. Porto: Campo das Letras, 1997. p. 643-655.

MARQUE-PUCHEU, C. De l'accord imparfait au désaccord: *concéder... mais*. *Thélème. Revista Complutense de Estudios Franceses*, v. 34, n. 1, p. 77-98, 2019.

MAURI, C.; RAMAT, A.G. The development of adversative connectives: stages and factors at play. *Linguistics*, v. 2, p. 191-239, 2012.

NARROG, H.; HEINE, B. *Grammaticalization*. Oxford: Oxford University Press, 2021.


NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, M. H. M. (org.). *A construção das orações complexas*. São Paulo: Contexto, 2016.

PANDER MAAT, H. Two kinds of concessives and their inferential complexities. In: KNOTT, A. et al. (ed.). *Levels of representation in discourse*. Edinburgh: Human Communication Centre, 1999. p. 45-54.

PÉREZ SALDANYA, M.; SALVADOR, V. Oraciones concesivas. In: COMPANY COMPANY, C. (ed.). *Sintaxis histórica de la lengua española*. México: FCE, 2014. p. 3699-3839.

ROSSARI, C. How does a concessive value emerge? In: GHEZZI, C.; MOLINELLI, P. (ed.). *Discourse and pragmatic markers from latin to the romance languages*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 237-260.



ROSSARI, C. Une concession implique-t-elle une opposition? *In*: FERRARI, A. *et al.* (ed.). *Testualità: fondamenti, unità, relazioni*. Franco Cesati, 2015. p. 189-203.

RUDOLPH, E. *Contrast: adversative and concessive relations and their expressions in English, German, Spanish, Portuguese on sentence and text level*. Berlin: De Gruyter, 1996.

SPEVAK, O. *La concession en latin*. Brussels, Collection Latomus, v. 294, 2005.

TRAUGOTT, E. Dialogic contexts as motivations for syntactic change. *In*: CLOUTIER, R. *et al.* (ed.). *Variation and change in English grammar and lexicon*. Berlin: De Gruyter, 2010. p. 11-27.